

A experiência fotográfica de Bob Wolfenson

Convidado de hoje do projeto Foto em Pauta, ele pretende falar sobre o percurso de 30 anos de carreira

LILIANE PELEGRINI

Se os diletantes da fotografia não forem esportos, vão perder a chance de conferir um dos mais importantes fotógrafos do país revelando, descontraidamente, os meandros do ofício. É que hoje, dentro do projeto Foto em Pauta, num auditório com capacidade para apenas 120 pessoas, o paulistano Bob Wolfenson promete contar tudo sobre seus mais de 30 anos de carreira. "Quero é mostrar minha experiência, independentemente se ela é útil ou não para outras pessoas. É uma conversa sobre o meu olhar, as mazelas, as possibilidades, as vicissitudes, o céu e o inferno da profissão. Mas, não vou, de maneira alguma, dar aula para ninguém, nem de teoria nem de prática", enfatiza Bob, modestamente, durante entrevista por telefone.

Os incontáveis trabalhos – editoriais de moda, retratos, exposições, calendários, campanhas publicitárias, livros etc – e os prêmios que acumulam dão a Bob Wolfenson lastro suficiente para analisar o atual cenário dessa produção brasileira. "O fotógrafo tem um lado de artesão, é um ourives. Hoje em dia, a fotografia tem um status de arte, é, cada vez mais, uma forma de

expressar a criação, de veicular idéias", afirma ele, acrescentando que proliferam os talentos nesse meio. "É isso principalmente agora, com o advento da fotografia digital. Existem fotógrafos muito nostálgicos com a história do negativo, da química de laboratório. Eu não tenho apego nenhum a isso, não acho que o método antigo seja superior. A tecnologia barateia a produção e aí, com mais pessoas tendo a chance de fotografar, a possibilidade de encontrar bons profissionais aumenta", argumenta.

A vinda de Bob a Belo Horizonte vai ser a oportunidade, também, para ele discutir uma relação complicada que emerge de uma de suas empreitadas mais queridas: a revista "s/n". "É complicado porque ali eu estou como editor, lado contrário que eu costumava estar. De alguma forma, eu estou julgando meus colegas. É uma tarefa muitas vezes dóida porque ter que ligar para uma pessoa e avisar que o trabalho dela não vai entrar é complicado", desabafa. "Eu já passei por isso milhares de vezes e é muito chato ouvir um 'não' quando a gente acredita que fez um trabalho sensacional. Mas eu me propus a fazer isso e tento fazer com a maior sensibilidade, sempre com um princípio que eu não abro mão: respeitar a au-

toria dos trabalhos. Não publico nada mutilado, que mude o que o fotógrafo pensou. Quando faziam – e ainda fazem – isso comigo, fico muito revoltado", ressalta Bob.

Perfeccionista

Uma coisa que Bob Wolfenson não nega é sua busca pela perfeição. Ele se empenha tanto na meta de conseguir sempre a melhor foto que, certa vez, foi citado numa matéria como alguém que não está satisfeito com seu trabalho. Mas o fotógrafo desmente que seja tão crítico em relação a si mesmo. "A gente vai ficando mais velho e mais exigente, então é normal que você não goste tanto mais de uma coisa que gostava anos antes. Mas tenho muito carinho pelos meus trabalhos anteriores, eles me trouxeram aqui", conta. "O que acontece mesmo é que eu nunca estou totalmente feliz com o que conquistei. Sempre tem algo que me inquieta, que me incomoda. E isso é bom porque é algo que sempre me leva para frente", afirma.

AGENDA – Projeto "Foto em Pauta" com Bob Wolfenson, hoje, às 19h, no Museu Histórico Abílio Barreto (av. Prudente de Moraes, 202, Cidade Jardim). Entrada franca (lugares limitados).



FOTOS BOB WOLFENSON/DIVULGAÇÃO

Fotografar modelos é apenas uma das facetas do trabalho de Bob

Fotos de mulheres são só uma parte da obra

Alguns dos trabalhos mais célebres de Bob Wolfenson são aqueles em que o fotógrafo registra belas mulheres em momentos sensuais. Ele é, inclusive, o responsável por boa parte das fotos que fizeram sucesso na revista "Playboy". Criou-se, então, um mito em torno de Wolfenson. "As pessoas realmente se ligam mais nessa vertente. Essa coisa de 'fotógrafo das belidades' foi o que mais me rendeu mídia, convites para palestras", admite. Mas Bob diz que esse é apenas uma parte de si. "Apesar de não ser o mais importante para mim, não posso dizer que esse não sou eu, mas existem outros 'Bob's' e eu gosto mais desses". (LP)



A cena urbana de São Paulo, terra natal do fotógrafo, exerce uma atração especial sobre ele